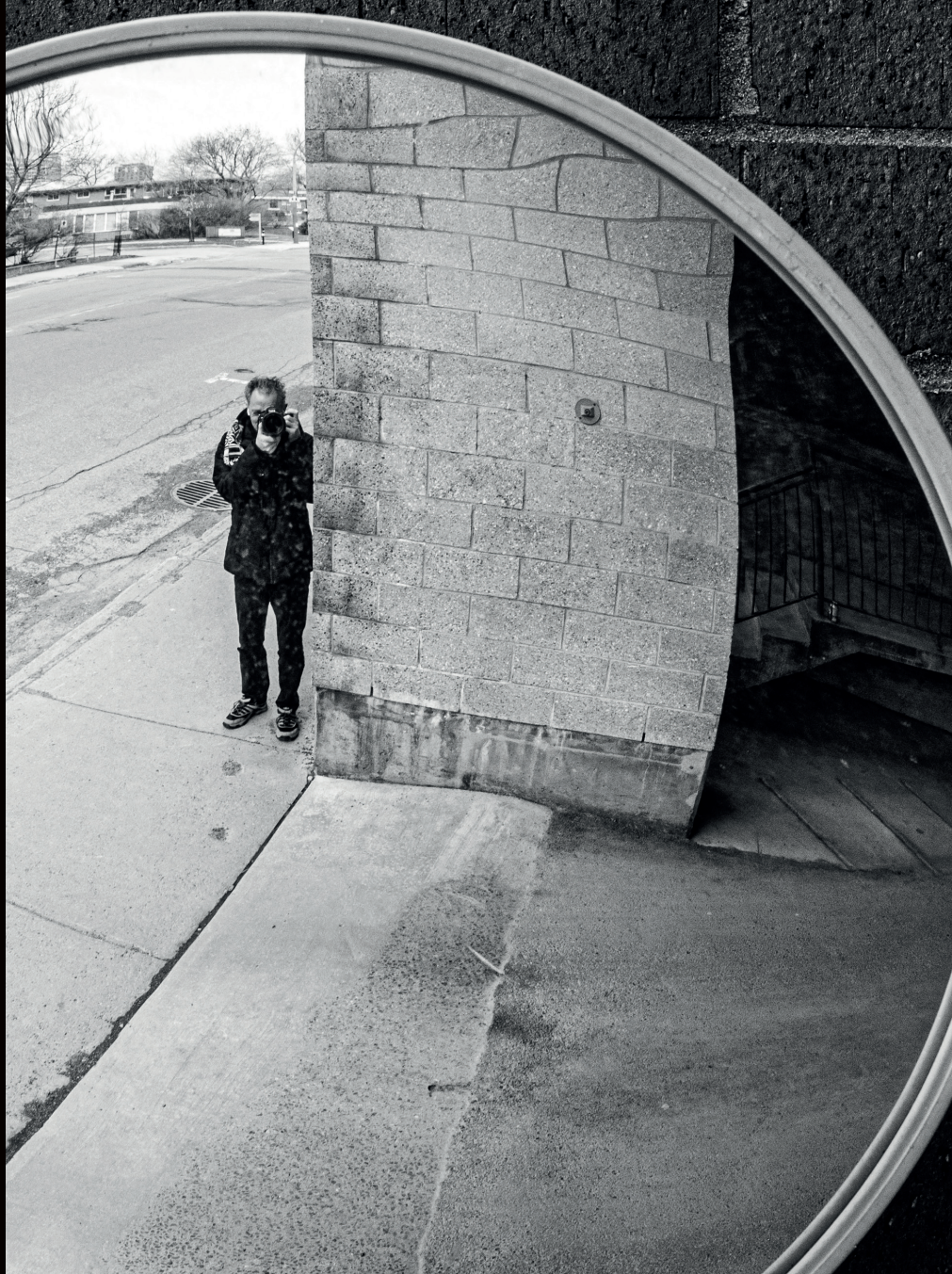


ALFAGUARA

Juan Gabriel Vásquez

As reputações



Tradução de Vasco Gato

Sentado em frente do Parque Santander, consentindo que lhe engraxassem os sapatos enquanto aguardava a hora da homenagem, Mallarino teve de repente a certeza de avistar um caricaturista que já morrera. Tinha o pé esquerdo em cima da pegada de madeira do caixote e a cintura apoiada na almofada do encosto, para que a sua velha hérnia não desse início às reclamações, e deixara fugir o tempo enquanto lia os tablóides locais, cujo papel barato lhe sujava os dedos e cujos títulos em grandes letras vermelhas lhe falavam de crimes sangrentos, segredos sexuais, extraterrestres que raptam crianças nos bairros do sul. A leitura da imprensa sensacionalista era uma espécie de prazer proibido: algo que só nos permitimos quando ninguém está a olhar. Mallarino pensava nisso mesmo — nas horas que lhe tinham fugido enquanto se entregava a esta perversão sob os guarda-sóis de cores tímidas — quando levantou a cabeça, arredando o olhar das letras como fazemos para recordar melhor, e ao deparar-se com os altos edifícios, com o céu sempre cinzento e as árvores que rasgam o asfalto desde o começo dos tempos, sentiu que estava a ver tudo pela primeira vez. E foi então que aconteceu.

Bastou uma fracção de segundo: a figura atravessou a Carrera Séptima com o seu fato escuro, o laço desalinhado

e o chapéu de aba larga, para dobrar de imediato a esquina da Igreja de São Francisco e desaparecer para sempre. Com o intuito de não a perder de vista, Mallarino inclinou-se para a frente e desceu o pé do caixote no exacto momento em que o engraxador aproximava o pano besuntado do couro do sapato, e na sua meia ficou uma mancha oblonga de graxa: um olho preto que o fitava lá de baixo e o acusava, tal como os olhos semicerrados do homem. Mallarino, que até agora só vira o engraxador de cima — os ombros do fato-macaco azul constelados de caspa fresca, o cocuruto aclarado por uma calvície agressiva —, deparou então com o nariz pejado de veias, as orelhas pequenas e proeminentes, o bigode branco e cinzento como a caca dos pombos.

— Peço desculpa — disse-lhe Mallarino —, pareceu-me ter visto uma pessoa. — O homem retomou o seu trabalho, as fricções certas com que a sua mão lambuzava a gáspea. — Ouça lá — acrescentou Mallarino —, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Diga, chefe.

— Já ouviu falar de Ricardo Rendón?

Chegou-lhe um silêncio vindo de baixo: uma, duas palpitações.

— Não me diz nada, chefe — respondeu o homem. — Se quiser podemos perguntar depois aos meus colegas.

Os colegas. Dois ou três deles começavam já a empacotar as suas coisas. Fechavam cadeiras, dobravam panos, metiam escovas de cerdas despenteadas e latas de graxa amolgadas nos seus caixotes de madeira, e o ar, por baixo do clamor do trânsito vespertino, enchia-se com o tilintar das chapas que se ajustavam e das tampas de alumínio que se fechavam com firmeza. Eram dez para as cinco da tarde: quando é que os engraxadores da baixa tinham começado

a ter horários fixos? Mallarino desenhara-os mais de uma vez, sobretudo nos primeiros tempos, quando vir à baixa dar uma volta a pé e engraxar os sapatos era uma forma de tomar o pulso à cidade eléctrica, de se sentir testemunha directa dos seus próprios materiais de trabalho. Tudo isso mudara: mudara Mallarino; mudaram os engraxadores. Ele já quase nunca vinha à cidade e habituara-se a olhar o mundo através dos ecrãs e das páginas, a deixar que a vida viesse até si em vez de a perseguir nos seus esconderijos, como se achasse que os seus méritos lhe permitiam tal coisa e que agora, passados tantos anos, era a vida quem deveria procurá-lo. Quanto aos engraxadores, já não se faziam donos do seu local de trabalho — aqueles dois metros quadrados de espaço público — em virtude de um pacto de honra, mas pela pertença a um sindicato: o pagamento de uma quota mensal, a posse de um cartão bem plastificado que mostravam à menor provocação. Sim, a cidade era outra. Contudo, não era nostalgia aquilo que embargava Mallarino quando constatava as mudanças, mas um curioso afã por suster a marcha do caos, como se com isso pudesse também suster a sua própria entropia interior, a lenta oxidação dos seus órgãos, a erosão da sua memória reflectida na memória erodida da cidade: no facto, por exemplo, de já ninguém saber quem era Ricardo Rendón, que acabava de passar por ali a pé apesar de ter morrido setenta e nove anos antes. O maior caricaturista político da história colombiana tinha sido devorado, como tantas outras figuras, pela fome sem fundo do esquecimento. *Também de mim se esquecerão um dia*, pensou Mallarino. Enquanto descia um pé do caixote e subia o outro, e enquanto sacudia o jornal para que uma página amarfanhada regressasse à posição devida

(uma destra chicotada com os pulsos), Mallarino pensou: *Sim, esquecer-me-ão também a mim.* Pensou: *Mas ainda falta muito para isso.* Nesse momento ouviu-se a dizer:

— E Javier Mallarino?

O engraxador demorou um instante a dar-se conta de que a pergunta era para si.

— Chefe?

— Javier Mallarino. Sabe quem é?

— O que faz os bonecos no jornal, sim — disse o homem. — Mas esse tipo já não vem cá. Fartou-se de Bogotá, foi a explicação que me deram. Vive fora há algum tempo, na montanha.

De maneira que aquele ainda se lembrava. Não era motivo para surpresas: a sua mudança no início da década de oitenta, quando o tempo do terrorismo ainda não reben-tara e as pessoas não dispunham de tantas razões para se irem embora, fora notícia nacional. Esperando que o engraxador dissesse mais qualquer coisa, uma pergunta ou uma exclamação, Mallarino ficou a olhar-lhe para a pele do cocuruto, esse território devastado com um ou outro cabelo a irromper aqui e ali, e com manchas que denunciavam as horas passadas ao sol: potenciais parcelas cancerosas, o lugar por onde começava a extinguir-se uma vida. Porém, o homem não disse mais nada. Não o reconheceu. Daí por minutos, Mallarino receberia a consagração definitiva, o orgasmo correspondente a um longo coito de quarenta anos com o seu ofício, e fá-lo-ia sem deixar de se surpreender por não o reconhecerem. As suas caricaturas políticas tinham-no transformado no que Rendón era no início da década de trinta: uma autoridade moral para metade do país, o inimigo público número um para a outra metade, e para todos um homem capaz de levar

à revogação de uma lei, alterar o erro de um magistrado, derrubar um presidente de câmara ou ameaçar seriamente a estabilidade de um ministério, e isto tendo apenas por armas o papel e a tinta-da-china. E, no entanto, na rua não era ninguém, *podia continuar a ser ninguém*, pois as caricaturas, ao contrário das colunas de hoje, nunca traziam a fotografia do responsável: para os leitores da rua era como se acontecessem sozinhas, livres de toda a autoria, como um aguaceiro, como um acidente.

Aquele que faz os bonecos. Sim, Mallarino era esse. *O boneco-maniaco*: assim o chamara certa vez, na secção de cartas dos leitores, um político que sentira o seu amor-próprio ferido. Os olhos de Mallarino, sempre cansados, fixavam-se agora nos habitantes da baixa: o cauteleiro que descansava no muro de pedra, o estudante que procurava uma camioneta dirigindo-se para norte e olhando por cima do ombro, o casal parado no meio do passeio, homem e mulher, ambos empregados de escritório, os dois vestidos de azul-escuro e camisa branca, agarrando-se com ambas as mãos embora sem se olharem. Todos eles reagiriam à menção do seu nome — com admiração ou repulsa, jamais com indiferença —, mas nenhum deles seria capaz de identificar o seu rosto. Se cometesse um crime, ninguém conseguiria apontá-lo numa fila de suspeitos do costume: sim, tenho a certeza, é o número cinco, o barbudo, o magro, o careca. Mallarino, para eles, não possuía características específicas, e os poucos leitores que o tinham conhecido ao longo dos anos costumavam tecer comentários de estranheza: não o imaginava careca, nem magro, nem barbudo. A sua calvície era daquelas que não chamam a atenção; quando voltava a cruzar-se com alguém que só vira uma vez, Mallarino recebia

com frequência os mesmos comentários de desconcerto: «O senhor sempre foi assim?», ou ainda: «Que estranho. Não reparei quando nos conhecemos.» Talvez fosse a sua expressão, que devorava a atenção das pessoas como um buraco negro devora a luz: os seus olhos de pálpebras caídas que surgiam por detrás dos óculos com uma espécie de tristeza permanente, ou a barba que lhe escondia a cara como o lenço de um foragido. A barba fora negra em tempos; continuava agora a ser abundante, mas acinzentara-se: ligeiramente mais no queixo e por baixo das patilhas, ligeiramente menos nos lados da cara. Não tinha importância: continuava a escondê-lo. E Mallarino mantinha-se irreconhecível, um ser anónimo nas ruas populosas. O anonimato proporcionava-lhe um prazer pueril (uma criança a esconder-se em divisões proibidas), e tranquilizava Magdalena, sua mulher em tempos já longínquos. «Neste país matam-se pessoas por menos», dizia-lhe ela quando um militar ou um narcotraficante saía malvisto das suas imagens. «É melhor ninguém saber quem és, como és. É melhor poderes ir comprar leite e eu não ficar preocupada se demorares.»

Varreu com o olhar o universo entardecido do Parque Santander. Bastou-lhe um instante para encontrar três pessoas a ler o jornal, o seu jornal, e pensou que as três haveriam de passar em breve ou teriam já passado os olhos pelo seu nome em letras de imprensa e depois pela sua assinatura, uma maiúscula bem desenhada que logo se transformava numa desordem de curvas, acabando por se desintegrar numa esquina, triste rasto de um avião que se despenha. Toda a gente conhecia o espaço onde as suas caricaturas sempre tinham estado: mesmo ao centro da primeira página de opinião, esse lugar mítico que

os colombianos procuram para odiarem os seus homens públicos ou para saberem porque é que os amam, esse grande divã colectivo de um país amplamente doente. Era a primeira coisa que os olhos viam ao chegarem a essas páginas. O quadrado preto, os traços finos, a linha de texto ou o breve diálogo por baixo da moldura: a cena que saía todos os dias da sua mesa de trabalho e que era elogiada, admirada, comentada, mal-interpretada, repudiada, numa coluna do mesmo jornal ou de outro, na carta irada de um irado leitor, num debate qualquer de uma qualquer emissora matutina. Sim, era um poder terrível. Houve uma altura em que Mallarino o desejou mais do que tudo neste mundo; trabalhou arduamente para o obter; desfrutou dele e explorou-o com consciência. E agora, aos seus sessenta e cinco anos, a mesma classe política que tanto o atacara e perseguira e desprezara a partir da sua trincheira, da qual ele zombara sem considerações nem respeito por laços de amizade ou de família (e perdera bastantes amigos ao fazê-lo, e uns quantos familiares até), essa mesma classe política decidira colocar a gigantesca maquinaria colombiana da bajulação ao serviço de uma homenagem que pela primeira vez na história, e talvez pela última, tinha como destinatário um caricaturista.

— Isto não se vai repetir — disse-lhe Rodrigo Valencia, director do jornal ao longo das últimas três décadas, quando lhe ligou, mensageiro diligente, para lhe falar da visita oficial que acabava de receber, dos elogios que acabava de ouvir, das intenções que os organizadores acabavam de lhe comunicar. — Não se vai repetir, e seria uma parvoíce fugir com o rabo à seringa.

— E quem é que disse que eu vou fugir com o rabo à seringa? — perguntou então Mallarino.

— Ninguém — respondeu Valencia. — Eu é que depreendi. Por conhecê-lo, Javier. Tal como eles, aliás. Caso contrário, porque haviam de me perguntar antes a mim?

— Ah, já percebi. Você é o negociador, é aquele que me convence.

— Mais ou menos — disse Valencia. A sua voz era gutural e profunda, uma daquelas vozes que mandam com naturalidade, ou cujas exigências são acatadas sem melindres. Ele sabia disso; habituara-se a escolher as palavras que melhor conviessem a essa voz. — Querem fazer a coisa no Colón, Javier, imagine. Não deixe escapar isto, não seja tonto. Não por si, compreenda, você não me interessa. Pelo jornal.

Mallarino soltou um suspiro de tédio. — Deixe-me lá pensar — pediu.

— Pelo jornal — repetiu Valencia.

— Ligue-me amanhã e falamos — declarou Mallarino. E depois: — Vai ser na sala Foyer?

— Não, Javier, é o que estou a tentar dizer-lhe. Vai ser na principal.

— Na principal — disse Mallarino.

— Homem, é como lhe digo. A coisa é a sério.

Confirmaram-no posteriormente — Teatro Colón, sala principal, a coisa era a sério —, e o local não lhe pareceu nada desapropriado: ali, sob o fresco das seis musas, atrás da cortina do mesmo espaço alucinado que Ruy Blas e Romeu e Otelo e Julieta partilhavam, no mesmo palco onde presenciara tantos belos artifícios desde criança, de Marcel Marceau a *A Vida é Sonho*, dispunha-se agora a representar um artifício da sua própria criação: o filho predilecto, o cidadão honorário, o compatriota ilustre de grandes lape-las capazes de acolher as medalhas que fossem necessárias.

Fora por esse motivo que recusara o transporte que o Ministério colocara à sua disposição: um *Mercedes* preto e blindado, de vidros fumados, de acordo com a descrição telefônica de uma secretária de voz trémula, que deveria apanhá-lo na sua casa de montanha e deixá-lo nas escadas de pedra do teatro, exactamente por baixo do toldo de ferro, qual jovem donzela a chegar ao baile em que há-de conhecer o seu príncipe. Não, Mallarino viera esta tarde para a baixa ao volante do seu velho *Land Rover* e deixara-o num parque de estacionamento no cruzamento da Quinta com a 19: queria chegar a pé à sua própria apoteose, aproximar-se como um zé-ninguém qualquer, aparecer de repente numa esquina e sentir que a sua mera presença sacudia o ar, despertava as línguas, fazia virar as cabeças; queria anunciar, com esse gesto único, que não perdera um grama da velha independência: continuava a ter a autoridade para colocar quem quisesse na mira, e isso nem o poder nem as homenagens nem os *Mercedes* blindados de vidros fumados mudariam. Agora, na cadeira do engraxador, enquanto a escova se movia sobre os seus sapatos (tão depressa que se transformava numa grossa linha castanha, como as ventoinhas que deixam de ter pás para se transformarem em círculos brancos), Mallarino dava por si a questionar-se sobre uma coisa que não estava na sua cabeça antes de chegar à baixa: o que teria feito Rendón no seu lugar? Se lhe tivesse acontecido o mesmo que a Mallarino, o que teria feito Rendón? Teria recebido a homenagem com satisfação, tê-la-ia aceitado com resignação ou cinismo? Teria renunciado a ela? Ah, mas Rendón renunciou à sua maneira: a 28 de Outubro de 1931, entrou na mercearia La Gran Vía, pediu uma cerveja, fez um desenho e deu um tiro na têmpera. Em setenta e nove anos, ninguém soubera explicar porquê.

— São três mil e quinhentos, chefe — declarou o engraxador. — É que o senhor tem os pés muito grandes.

— Já me disseram — afirmou Mallarino.

— Melhor para mim, queira desculpar-me — anunciou o homem.

— Pois — confirmou Mallarino. — Melhor para si.

Mallarino esgaravatou nos bolsos das calças, nos da frente e nos de trás, antes de passar à gabardina cinzenta onde os seus dedos encontraram, enredados em várias linhas como peixes entre algas, um recibo de compra e uma nota esverdeada, gasta pelo uso e prestes a rasgar-se.

— Tome — disse ao engraxador com calculada generosidade — e fique com o troco.

O homem alisou a nota, tirou uma velha carteira de couro do seu caixote de madeira e guardou-a lá dentro, sem a dobrar, inserindo-a com precisão. Depois, levantou a cara cansada, fechou os olhos com força, voltou a abri-los:

— Quer perguntar, chefe?

— Perguntar o quê?

— Pelo senhor do qual estava à procura. Pergunto aos meus colegas, não me custa nada.

Mallarino disse que não, moveu a mão no ar como que apagando as últimas palavras, balbuciou um agradecimento. Porém, gostou do homem, da sua cortesia natural, dos seus bons modos: espécies em via de extinção naquela Bogotá deselegante, mal-encarada e rude, a Apenas¹ sul-americana. Quem declarara que em Bogotá até os engraxadores citavam Proust? Um inglês, pensou Mallarino,

¹ Em 1883, o escritor argentino Miguel Cané classificou Bogotá como a Atenas sul-americana. Desde então, fruto da degradação causada pelas dinâmicas políticas e sociais do século xx, a cidade passou a ser designada por muitos como «apenas» sul-americana. (*N. do T.*)

só um inglês era capaz de perpetrar declarações dessas. Afirmara-o havia muito tempo, claro estava: afirmara-o noutra cidade, a cidade desaparecida, a cidade-fantasma, a cidade de Ricardo Rendón, a cidade de La Gran Vía, cuja porta de entrada era visível décadas antes, do local no passeio onde agora Mallarino se encontrava distraidamente parado, a um curto passo da estrada hostil, com o olhar perdido entre as camionetas de janelas iluminadas. Porém, a mercearia desaparecera. Havia desaparecido várias lojas e cafés, La Gran Vía entre eles. Teria o fantasma de Rendón saído dessa porta-fantasma? No entanto, não era um fantasma: alguém vestido como Rendón, parecido com Rendón, com o mesmo chapéu de aba larga, o mesmo laço desalinhado, apenas isso. Talvez, pensou Mallarino, tivesse sido a proximidade de La Gran Vía ou da sua antiga localização a projectar essa visão, ou talvez se tivesse tratado de uma daquelas recordações falsas que todos temos. Que estranha é a memória: permite-nos recordar o que não vivemos. Mallarino lembrava-se na perfeição de Rendón a caminhar pela baixa, a encontrar-se com León de Greiff no café El Automático, a chegar a casa, bêbedo, só e triste, a altas horas da madrugada... Recordações fictícias, recordações inventadas. Não havia motivo para ficar admirado: era impossível, num dia como o de hoje, pretender que Rendón não fizesse parte dos seus pensamentos. *O senhor do qual estava à procura.* Não, não andava realmente à procura dele: preparava-se antes para o substituir, para ocupar o seu sólio ou para herdar o seu ceptro ou qualquer outra metáfora imbecil no género das que lera em duas ou três colunas de opinião de gente tão informada quanto piroso, tão boa de memória quanto lambe-botas. «É muito pobre a memória que só funciona

para trás»: uma recordação involuntária, uma associação livre, pusera-lhe esta frase na cabeça. De onde viria a frase, e a que se referiria? Mas rapidamente deixou de pensar nela, pois, ao olhar de novo para o relógio, a forma dos ponteiros converteu-se numa recriminação: só faltava chegar atrasado à sua própria coroação.

Começou a andar em contracorrente pela Séptima, cruzando a Avenida Jiménez e a Plaza del Rosario para se meter pelo bairro de La Candelaria, torneando os vendedores empenhados em vender tudo e mais alguma coisa — cigarros, ouro barato, carrinhos de brincar ou esmeraldas polidas, guarda-chuvas ou atacadores, passas cobertas de chocolate — e pensando que na baixa de Bogotá tem-se sempre a sensação de andar em contracorrente, as multidões da tarde transformadas num forte vento de proa. Decidido a vencer a resistência, Mallarino enterrou a cabeça entre os ombros e enfiou as mãos nos bolsos da gabardina, cujas profundezas insondáveis nunca deixariam de o surpreender. E ia a pensar nisso mesmo, nos recantos da gabardina que por vezes lhe parecia não terem sido totalmente explorados, quando ouviu passos atrás de si, ou melhor, quando se apercebeu de que os ouvira porque os passos se detiveram e uma mão pousou no seu ombro, delicada como uma folha caída. Mallarino deu meia-volta, sobressaltado e curioso, deparando com o rosto de Magdalena, o seu cabelo tão claro que nele se confundiam as cãs, as suas finas sobrancelhas arqueadas e o seu sorriso irónico: a paisagem inteira de traços que Mallarino conhecera noutros tempos como conhecia agora a vista da sua janela.

— Acho que vamos para o mesmo sítio — disse-lhe ela.

De uma das grandes vozes da literatura latino-americana, uma reflexão riquíssima sobre o peso do passado, os artifícios da memória e a forma como a esfera política se infiltra nas vidas privadas.

«Para onde vai o passado quando muda?»

Javier Mallarino é uma lenda viva. É o caricaturista mais influente e temido do país, capaz de, com papel e tinta-da-china, alterar leis, denunciar barões da droga e derrubar políticos — «uma autoridade moral para metade do país, o inimigo público número um para a outra metade». Aos 65 anos, após quatro décadas de uma carreira brilhante, prepara-se para uma pomposa cerimónia de homenagem no Teatro Colón.

Tudo muda com o reaparecimento inesperado de uma jovem mulher, que o questiona sobre os acontecimentos nebulosos de uma noite, vinte e oito anos antes. O passado rebenta no presente, e Mallarino vê-se obrigado a pôr em causa o seu trabalho e as suas consequências. Terá servido para alguma coisa senão arruinar reputações? Valerá a pena continuar? E que segredo é esse que o leva a mudar para sempre a imagem de si próprio?

Juan Gabriel Vásquez exhibe neste romance as suas mais intensas obsessões: o peso do passado, as falhas da memória e os cruzamentos da vida pública e privada, num exercício de instigante reflexão e virtuosismo narrativo.



Prémio Real Academia Espanhola ★ Prémio da Casa da América Latina de Lisboa ★ Prémio Arzobispo San Juan Clemente.

UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO:


El País ★ The New York Times ★ Newsweek ★ The Guardian



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

 [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-962-3



9 789895 899623